Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK
ISSN: 2675-5084
Dossiê: Além do Arco-Íris

Alice de Aquino Moura Coelho

Graduada em Administração na Universidade Federal de São Carlos. Graduanda em Letras na Universidade de São Paulo.

E-mail: alicecoelho@usp.br

QUEM É A FUJOSHI BRASILEIRA? Uma pesquisa sobre o perfil dos consumidores de Boys Love do Brasil

Resumo: Nos anos 1970, autoras de mangás voltados para o público feminino revolucionaram a indústria ao publicarem histórias que abordavam temas como gênero e sexualidade. Nesse contexto, surgiu o que hoje chamamos de *Boys Love*, ou BL, que se expandiu através da cultura de fãs e chegou a outros países, como a Coreia do Sul e a China. O BL ganhou o mundo, conquistando uma base de fãs dedicada que se autodenomina Fujoshi, Fudanshi ou Fujin. Através um estudo quantitativo, com dados analisados por meio de estatística descritiva, o presente artigo traça um perfil dos fãs brasileiros de BL, identificando suas preferências quanto às obras consumidas, sua convivência com outros fãs e a importância que obras do gênero tiveram no seu processo de descoberta quanto a gênero e sexualidade, especialmente entre homens trans.

Palavras-chaves: Fujoshi; LGBT; Boys Love; Mangá; Danmei.

WHO IS THE BRAZILIAN FUJOSHI? Research on the profile of Boys Love consumers in Brazil.

Abstract: *In the 1970s, a group of authors who wrote manga for girls revolutionized the industry by publishing stories about gender and sexuality. Under this context, what we call Boys Love, or BL, appeared, and it expanded through fan culture, reaching other countries such as South Korea and China. BL exploded worldwide, conquering a dedicated fanbase that calls themselves Fujoshi, Fudanshi, or Fujin. Through a quantitative study, by analyzing data through descriptive statics, this article underlines a profile of the Brazilian fans of BL, identifying their preferences on the work they consume, their interaction with other fans and the importance that BL works had in the discovery process of gender and sexuality, especially among trans men.*

Keywords: *Fujoshi; LGBT; Boys Love; Mangá; Danmei.*

Submissão: 25/03/2023
Revisão: 07/10/2023
Aprovado: 28/10/2023
Publicação: 15/01/2024

ISSN: 2675-5084

1. INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, o Boys Love conquistou fãs pelo mundo todo. Tratam-se de obras de ficção, como histórias em quadrinho, livros, desenhos animados, filmes, séries de TV e videogames cujo foco principal é a relação sexual e/ou amorosa entre dois personagens masculinos.

Originado no Japão, o gênero rapidamente se espalhou pelo resto do mundo, ganhando fãs dedicados que logo adotaram uma denominação própria: Fujoshi, Fudanshi e Fujin. O Boys Love tem um significado importante para estes consumidores, servindo inclusive como um meio para autodescoberta para alguns.

Há muita literatura em inglês a respeito de Fujoshi e Boys Love em geral. No entanto, os estudos em português a respeito desse grupo são escassos, o que torna o presente trabalho relevante para a literatura acadêmica. Nos últimos anos, o mercado de mangás brasileiro voltou sua atenção para este público, e as editoras trouxeram inúmeros títulos Boys Love de diversos países além do Japão. Desta forma, o objetivo deste trabalho é identificar as principais características dos fãs e consumidores de Boys Love no Brasil, suas preferências quanto às obras consumidas, sua convivência com outros fãs e a importância que obras do gênero tiveram no seu processo de descoberta quanto a gênero e sexualidade.

2. AS ORIGENS DO BOYS LOVE

O Boys Love surgiu nos mangás japoneses por volta da década de 1970, quando um grupo de autoras revolucionou os mangás *shoujo* (voltados para o público feminino) ao escrever histórias que abrangiam temas diversos, que também incluíam gênero e sexualidade (McLelland, *et al*., 2016). As autoras responsáveis pelos mangás pioneiros do Boys Love foram Keiko Takemiya e Moto Hagio. Takemiya escreveu a história de capítulo único *Sanruumu nite* (No jardim de inverno) em 1970, e Hagio escreveu *Juuichigatsu no gimunajiumu* (O ginásio de novembro), também de capítulo único, em 1971 (Madill, 2017). Anos mais tarde, as autoras escreveram os mangás que se tornaram enormes sucessos na época, que ajudaram a abrir o caminho para os mangás Boys Love mais tarde. Eram estes *Kaze to Ki no Uta* (A canção do vento e das árvores), publicado em 1976, por Keiko Takemiya, e *Thomas no Shinzou* (O coração de Thomas), publicado em 1974, escrito por Moto Hagio (Gravett, 2006). Ambas obras abordam relações entre jovens rapazes que estudavam em colégios internos na Europa no século XVII.

Em 1975, foi realizada no Japão a primeira Comic Market, uma feira dedicada a anime e mangá, onde os fãs podiam divulgar suas publicações originais sem as limitações que existiam nas publicações comerciais. Essas primeiras edições da Comic Market contaram com a participação diversos grupos dedicados à publicação de material relacionado a mangás shoujo, incluindo aqueles que se focavam em relações sexuais e amorosas entre dois homens (McLelland, *et al*., 2016).

No início dos anos 1980, surgiu então o termo Yaoi, um acrônimo para "*yama nashi, ochi nashi, imi nashi*," ou seja, "sem clímax, sem objetivo, sem significado," e inicialmente era utilizada para se referir a publicações independentes (chamadas de *doujinshi*) em geral (Madill, 2017). Em dezembro de 1979, um grupo criou uma publicação que consistia em uma compilação de narrativas homoeróticas entre homens chamado *RAPPORI: yaoi tokushuu gou* (RAPPORI, Edição Yaoi Especial), sendo um dos responsáveis por aproximar a palavra "Yaoi" desse tipo de conteúdo (McLelland, *et al*., 2016). A palavra Yaoi levou anos para se estabelecer como um sinônimo para este tipo de obra, competindo com outros termos usados na época como *tanbi* (estética) e *shounen-ai* (amor de garotos) (McLelland, *et al*., 2016). Nos Estados Unidos, e consequentemente no ocidente como um todo, o termo Yaoi foi popularizado pela convenção Yaoi Con, realizada pela primeira vez em 2001 (Lin, 2022).

Em 1978, a revista JUNE começou a ser publicada. Foi a primeira revista japonesa voltada ao público feminino dedicada a publicar conteúdo envolvendo rapazes bonitos (*bishounen*) (McLelland, *et al*., 2016). Outra revista importante do tipo foi a Allan, que começou a ser publicada em

1980 (Welker, 2011). Além de falar sobre e publicar mangás envolvendo homossexualidade, estas revistas também abordavam a cultura LGBT+ no Japão e no mundo na época, sendo inclusive um importante meio para jovens que não eram heterossexuais conhecerem pessoas com vivências similares (Welker, 2011).

Nos anos 1990, a publicação comercial de BL aflorou como uma expansão e extensão da cultura Yaoi dos *doujinshi*, que cresceu na década anterior. Foi nos anos 90 que revistas dedicadas exclusivamente à publicação de mangás BL surgiram, como a Gust e a Magazine Be x Boy (McLelland, *et al*., 2016). O termo Boys Love (também escrito em japonês como *boizu rabu* e abreviado como BL ou *bii eru*) surgiu nesta época, substituindo os termos Yaoi e Tanbi na designação dessas obras e se tornando o termo adotado por editoras atualmente (McLelland, *et al*., 2016).

3. BL PELO MUNDO

Com o sucesso que fazia no Japão, o Boys Love se espalhou para outros países da Ásia. Na Coreia do Sul, o BL começou a se tornar popular nos anos 90, com o mangá *Zetsuai* (Amor Desesperado) de Minami Ozaki (Kwon, 2019). Não demorou muito para surgir um manhwa (nome dado às histórias em quadrinhos coreanas) com essa temática. Em 1994, I Chŏng-ae publicou o primeiro manhwa Boys Love, *Luisŭssieke Pomi Wassnŭnka?,* (A primavera chegou para o Sr. Lewis?) (Kwon, 2019). Nos anos 2000, os webtoons, manhwas feitos especificamente para serem publicados em websites, se tornaram extremamente populares na Coreia do Sul (Wonho Jang, 2017). Os webtoons são criados de maneira independente, podendo ser escritos e publicados por qualquer pessoa, sem a necessidade de nenhuma qualificação prévia (Wonho Jang, 2017). Surgiram diversos webtoons Boys Love, e alguns até chegaram a ser publicados no Brasil, como *Hyperventilation,* escrito por Bboong Bbang Kkyu, e *On or Off*, escrito por A1, ambos publicados pela editora Newpop (NEWPOP, 2023).

O BL japonês também chegou à China por volta dos anos 90, ganhando o nome de *danmei* (Zhao; Yang; Lavin, 2017). A cultura danmei se espalhou rapidamente pela internet através de sites independentes criados por fãs, que foram aos poucos desaparecendo depois do surgimento de sites comerciais como o Jinjiang Literature City e o Liancheng Read. Estes sites são dedicados à publicação de livros escritos por autores independentes (Zhao; Yang; Lavin, 2017). Ao contrário dos outros países anteriormente mencionados, cuja produção de BL consistia em histórias em quadrinhos, o danmei é mais difundido na forma de livros, uma vez que não há muitas plataformas para a distribuição de manhuas (histórias em quadrinhos chinesas) (Zhao; Yang; Lavin, 2017). Nos anos 2000, começou um movimento de censura do danmei na China e em Hong Kong (Liu, 2009). Devido a essa censura, a publicação dos livros de forma impressa é muito rara, e o formato digital prevalece (Zhao; Yang; Lavin, 2017). Recentemente, o livro *Mo Dao Zu Shi* (O fundador da cultivação demoníaca), escrito por Mo Xiang Tong Xiu, ganhou notoriedade pelo mundo todo, sendo inclusive publicado no Brasil pela editora Newpop (NEWPOP, 2023). Essa obra ganhou diversas adaptações na forma de manhua, desenho animado, seriado de TV, entre outros (Qin; Cheong, 2022).

No Brasil, o Boys Love começou a se popularizar nos anos 2000. Em 2007, a editora JBC publicou o primeiro mangá BL no Brasil, *Gravitation* por Maki Murakami (Aranha, 2010). Inspirados nas obras BL estrangeiras, muitos artistas nacionais passaram a escrever suas próprias histórias em quadrinhos do gênero, como é o caso de *Vitral,* escrito por Futago Estúdio (Kushima, 2018), *Lebre e Coelho*, escrito por Alec (NEWPOP, 2023), e *The Flower Pot,* escrito por Amanda Freitas (JBC, 2023).

4. FUJOSHI, FUDANSHI E FUJIN

O termo *Fujoshi* começou a ser utilizado nos anos 2000 no fórum japonês 2channel para designar

mulheres que viam relacionamentos entre homens em obras onde estes relacionamentos não existiam (Suzuki, 2013). A palavra é um trocadilho com a palavra *Fujoshi* (婦女子), que significa mulher, trocando o primeiro kanji da palavra pelo kanji de "podre" (腐). Escrito desta maneira, *Fujoshi* (腐女子) passa a significar "mulher podre" (Suzuki, 2013). O termo passou a designar mulheres fãs de obras BL, dando origem também aos termos *Fudanshi* (homem podre), usado para se referir a homens fãs de BL, e *Fujin* (pessoa podre), um termo de gênero neutro para fãs de BL (Lin, 2022).

Segundo Galbraith (2011), o interesse das Fujoshi por relacionamentos homossexuais se limita ao mundo da fantasia, sem correlação com a vida real heteronormativa que elas levam.

Para Welker (2006), os mangás Boys Love eram uma maneira com que leitores presumivelmente heteronormativos podiam experimentar romance e sexualidade através da identificação com os personagens masculinos. Welker (2006) também aponta que membros da comunidade lésbica japonesa afirmam que Boys Love e mangás shoujo foram importantes em seus anos formativos.

Baudinette (2017) também observou um fenômeno similar entre homens gays japoneses. Ao entrevistar 6 homens gays japoneses, inclusive um nipo-brasileiro, Baudinette (2017) identificou que eles usaram mangás BL e mangás gay como uma forma de entender atração pelo mesmo sexo.

Tanaka e Ishida (2015) apontam que diversos acadêmicos disseram que as Fujoshi consomem BL como forma de escapar da sociedade patriarcal, uma vez que na ausência de personagens femininas, estas não são oprimidas por homens nas histórias. Fujimoto concorda com essa visão, dizendo que o BL surgiu como um mecanismo de escape das realidades de supressão de gênero (McLelland, *et al*., 2016). Para Fujimoto, o Boys Love evoluiu como um espaço de entretenimento onde mulheres podem "brincar com gênero", e ao projetar atributos sexuais em na figura de um garoto, que é não-sexual, ela se torna sexualmente liberta (McLelland, *et al*., 2016).

Okabe e Ishida (2012) consideram que as atividades realizadas por Fujoshi são estigmatizadas pelo *mainstream* por se tratar de um conteúdo de natureza sexual e homossexual. Portanto, as Fujoshi escondem essa parte de sua identidade das outras pessoas. Para Coleman (2021), é de certa forma hipócrita haver tanto estigma quanto à figura da Fujoshi, pois homens não são questionados quanto ao seu desejo por consumir conteúdos que envolvam relacionamentos homossexuais entre mulheres.

Coleman (2021) também fala do estigma de "fetichizador" que cerca as comunidades de fãs de BL. Ao entrevistar diversos fãs, Coleman (2021) identificou que há um desejo da parte deles de se separar dessa imagem, que é a de alguém que consome esse tipo de mídia por motivos puramente sexuais, embora os entrevistados reconheçam que também gostam das cenas de sexo. Coleman (2021) acredita que, embora de forma não intencional, os fãs de BL estão envolvidos na estigmatização da sexualidade de pessoas LGBT e mulheres no geral. A mesma pesquisa revelou que muitos dos entrevistados estavam questionando-se quanto a gênero e sexualidade antes de conhecer BL, e que este tipo de mídia serviu como uma forma de se projetar e se conhecer melhor para estas pessoas. Também foi identificado que para muitos fãs, o BL foi uma forma de se conectar com as pessoas online e criar amizades muito próximas.

Vale pontuar que as pesquisas mencionadas até agora pouco diferenciam a origem da comunidade Fujoshi sobre a qual falam, indicando se trata-se apenas da comunidade japonesa ou de outros países.

Recentemente, diversas pesquisas foram realizadas a respeito do perfil do público fã de Boys Love. Uma pesquisa realizada por Pereira (2018) com Fujoshis e Fudanshis brasileiros identificou que 76% dos respondentes se identificava com o gênero feminino, 42% tem entre 16 e 20 anos de idade, e 37% se identificava como bissexual. A pesquisa em inglês realizada por Pagliassotti (apud Madill, 2017) mostrou que 89% dos respondentes era o gênero feminino, 62% tinha entre 18 e 24 anos e 46% se identificava como heterossexual. A pesquisa de Coleman (2021) com falantes de língua inglesa identificou que 69,4% dos participantes

eram mulheres, com apenas 20% dos respondentes se identificando exclusivamente como heterossexuais. A pesquisa realizada por Zhao e Madill (2018) com respondentes sinófonos e anglófonos mostrou que, entre os falantes de chinês, as mulheres representavam 87% dos respondentes e, entre os falantes de inglês, 74%. A média de idade dos respondentes desta pesquisa é de 23,5 anos.

5. METODOLOGIA

Para realizar esse estudo, foram utilizados métodos de estudo quantitativo. Um estudo quantitativo caracteriza pelo emprego da quantificação tanto na coleta dos dados quanto na sua análise, que é realizada através de métodos estatísticos (Oliveira, 2011).

Tratando-se da abordagem, este é um estudo descritivo. Estudos descritivos têm como objetivo principal descrever características de determinada população ou fenômeno e estabelecer relações entre variáveis (Gil, 2009). Para descobrir a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, a pesquisa descritiva deve observar, analisar e correlacionar os fatos sem manipulá-los (Manzato; Santos, 2012).

Neste estudo, o levantamento de dados ocorreu através de questionários disponibilizados na internet. Um questionário com 39 questões foi estruturado na plataforma formulários google, e foi distribuído inicialmente para uma amostra de 14 pessoas, a fim de buscar possíveis melhorias na sua estrutura. Após sofrer as mudanças sugeridas pela amostra inicial, o formulário foi divulgado nos perfis de redes sociais do Blyme Yaoi, um portal brasileiro de notícias, artigos e resenhas sobre Boys Love. O formulário ficou disponível de 25 de março a 1° de abril de 2022. Neste período, 2.046 respostas foram coletadas, as quais foram utilizadas nesta análise. Os dados foram analisados através dos softwares Microsoft Excel e SPSS, e foi realizada uma análise de estatística descritiva básica.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

O questionário obteve 2.046 respostas válidas. A caracterização dos respondentes pode ser observada na Tabela 1, Quadro 1 e Figura 1.

Tabela 1: Caracterização da Amostra.

Características demográficas	N° de Respondentes	Porcentagem
	Gênero	
Mulher cis	1331	65,10%
Homem cis	277	13,50%
Mulher trans	8	0,40%
Homem trans	55	2,70%
Agênero	34	1,70%
Não-binário	172	8,40%
Não sei	88	4,30%
Prefiro não responder	19	0,90%
Prefiro não me classificar	46	2,20%
Outros	16	0,80%
	Idade	
até 12 anos	6	0,30%
De 13 a 17 anos	265	13,00%
De 18 a 22 anos	786	38,40%
De 23 a 27 anos	530	25,90%
De 28 a 32 anos	290	14,20%
De 33 a 37 anos	96	4,70%
De 38 a 42 anos	42	2,10%
De 43 a 47 anos	20	1,00%
48 anos ou mais	11	0,50%

ISSN: 2675-5084

	Escolaridade	
Fundamental incompleto	34	1,70%
Fundamental completo	46	2,20%
Ensino médio incompleto	219	10,70%
Ensino médio completo	467	22,80%
Superior incompleto	677	33,10%
Superior completo	409	20,00%
Pós-graduação/especialização	139	6,80%
Mestrado	40	2,00%
Doutorado	15	0,70%
	Cor ou Raça	
Amarela	70	3,40%
Branca	1202	58,70%
Indígena	9	0,40%
Parda	575	28,10%
Preta	179	8,70%
Outro	11	0,50%

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas do questionário.

Quadro 1: Estados dos Respondentes.

Estado	N°	Estado	N°	Estado	N°	Estado	N°
AC	7	**ES**	34	**PB**	37	**RO**	5
AL	18	**GO**	43	**PE**	59	**RR**	3
AM	48	**MA**	41	**PI**	18	**SC**	67
AP	15	**MG**	169	**PR**	100	**SE**	8
BA	76	MS	19	RJ	245	SP	606
CE	101	**MT**	25	**RN**	33	**TO**	10
DF	49	**PA**	67	**RS**	111	**Outro**	32

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas do questionário.

A maioria dos respondentes se identifica como mulher cis (65%). A maior parte (38,4%) têm entre 18 e 22 anos de idade, e tem ensino superior incompleto (33,1%). A pesquisa obteve pelo menos um respondente de cada estado do Brasil, sendo São Paulo o que representou a maior parte da amostra (29,6%). Além disso, 32 dos respondentes não moram no Brasil. Quanto a cor ou raça, a maioria da amostra se identifica como branca (58,7%).

ISSN: 2675-5084

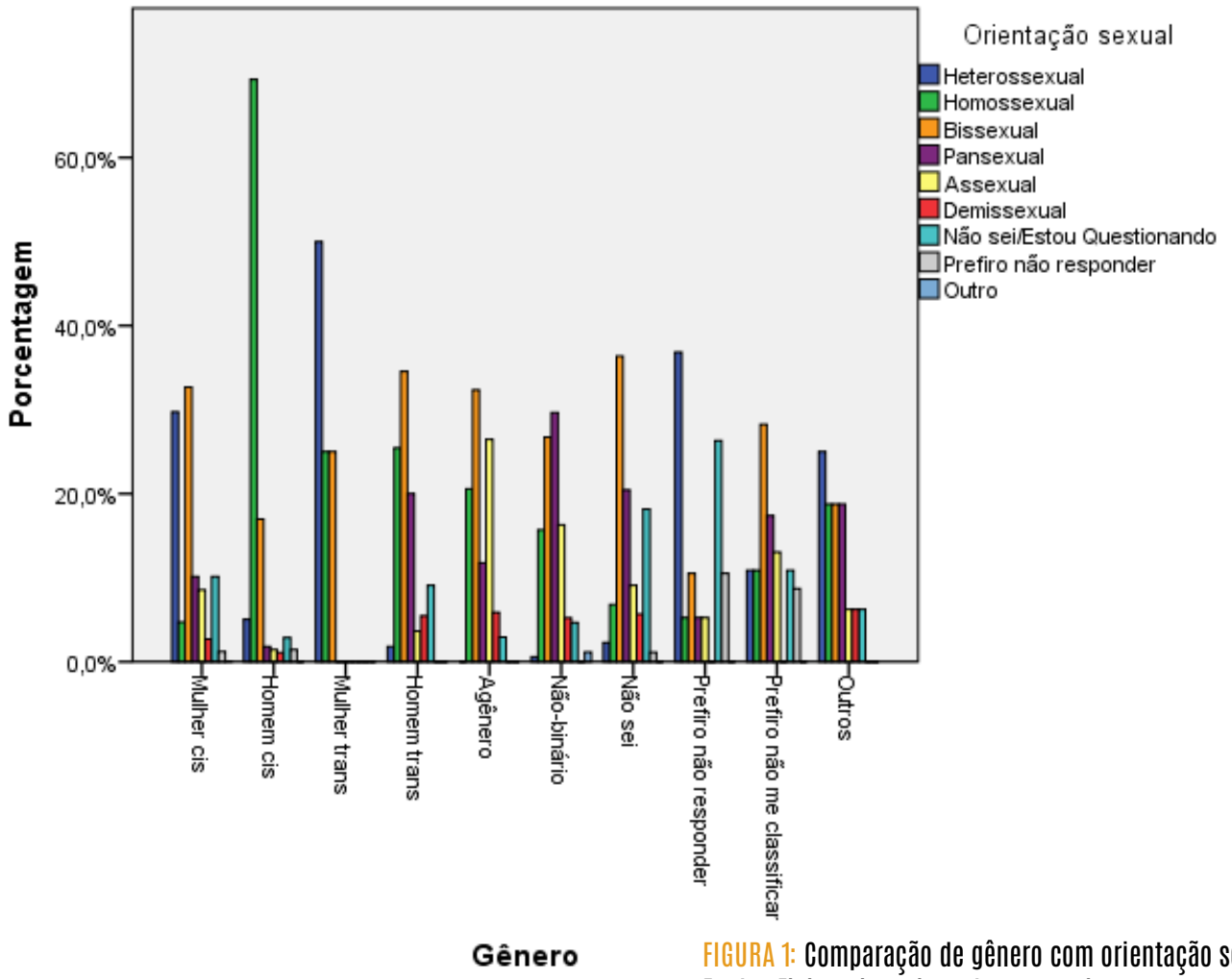


FIGURA 1: Comparação de gênero com orientação sexual. Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas do questionário.

Tratando-se de orientação sexual, a maioria dos respondentes se identifica como bissexual (29,82%). No gráfico da figura 1, pode-se observar a distribuição da orientação de acordo com o gênero dos respondentes. Observa-se que cerca de 70% dos homens cis que responderam à pesquisa são homossexuais, e 32,7% das mulheres cis são bissexuais.

Sobre o consumo de BL, a maioria dos respondentes descobriu o Boys Love entre 2011 e 2016 (39,7%). A maioria descobriu o gênero por conta própria (51,3%), e não produz nenhum tipo de conteúdo BL (58,3%). O Twitter é a fonte de informações sobre BL favorita de boa parte dos respondentes (82,8%). Os mangás japoneses são o principal formato de conteúdo BL consumido (91,3%), seguidos por animes (85%) e manhwas coreanos (82,8%). Depois do português (96,9%), a língua em que mais se consome BL é o inglês (74,3%). Os países de origem dos BLs mais consumidos são Japão (96,8%), Coréia do Sul (88,8%) e China (79,3%).

A grande maioria dos respondentes (88,2%) consome mangás através de scans, embora 66,2% compre as edições brasileiras. Scans são a abreviação de *Scanlation*, uma palavra que vem da junção de "*scan*" e "*translation*", usada para designar a digitalização e tradução de histórias em quadrinhos estrangeiras feitas por fãs de maneira amadora (Carlos, 2011). A mesma divisão é observada quando se trata de séries, animes e filmes, 90,4% assiste através de fansubs e 79% usa plataformas de streaming oficiais. Fansub, abreviação de *Fansubbing* é a prática de inserir

legendas traduzidas por fãs em um material audiovisual (Carlos, 2011).

O mangá lançado no Brasil mais comprado pelos respondentes foi Given (45,2%), seguido de Joy (40,2%), ambos publicados pela editora Newpop, enquanto 23,2% não comprou nenhum mangá publicado no Brasil. A maioria gasta até 50 reais com BL por mês (33,1%) e consome esse tipo de mídia todo dia (46,7%).

Tabela 2: Afirmativas.

Afirmativa	x	σ	5	4	3	2	1
Eu me considero fujoshi/fudanshi/fujin	4,18	1,21	59,9%	15,2%	14,0%	4,3%	6,5%
Gosto de interagir com outras pessoas que também gostam de BL	4,16	1,06	52,4%	21,8%	17,4%	6,0%	2,4%
Considero BL uma parte importante da minha vida	4,13	1,05	49,5%	25,5%	16,4%	6,3%	2,3%
Tenho medo que as pessoas descubram que eu gosto disso	2,49	1,33	9,3%	15,0%	23,7%	19,0%	33,0%
BL foi importante para minha descoberta quanto a orientação sexual	2,95	1,60	26,4%	15,2%	16,5%	11,0%	31,0%
BL foi importante para minha descoberta quanto a gênero	2,18	1,48	13,8%	7,1%	16,3%	9,2%	53,6%
Converso sobre BL com meus amigos pela internet	3,82	1,42	48,6%	17,0%	13,8%	8,7%	11,8%
Converso sobre BL com meus amigos na vida real	3,20	1,55	29,8%	20,0%	14,0%	13,0%	23,3%
Converso sobre BL com meus parentes e pessoas da minha família	1,97	1,34	8,1%	10,1%	10,0%	14,7%	57,2%
Gosto desse tipo de conteúdo por causa do romance	4,66	0,68	75,3%	16,9%	6,4%	1,0%	0,4%
Gosto desse tipo de conteúdo por causa do das cenas de sexo	3,51	1,39	34,0%	20,3%	20,9%	12,1%	12,7%
Gosto desse tipo de conteúdo por causa do enredo	4,70	0,62	77,0%	17,2%	4,7%	0,9%	0,2%
Gosto de romances homem x mulher	3,75	1,35	41,8%	20,7%	17%	11,0%	9,4%
Gosto de materiais eróticos homem x mulher	2,90	1,49	21,6%	15,7%	20,6%	15,7%	26,4%
Gosto de romances mulher x mulher	3,90	1,36	50,6%	16,5%	15,6%	7,3%	10,0%

ISSN: 2675-5084

Gosto de materiais eróticos mulher x mulher	3,23	1,54	31,6%	15,6%	19,2%	11,5%	22,0%

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas do questionário.

Sobre as questões atitudinais, foi verificada a média, o desvio padrão e a porcentagem dos scores atribuídos a cada sentença, sendo estes 5- concordo totalmente, 4- concordo parcialmente, 3- indiferente, 2- discordo parcialmente, e 1- discordo totalmente.

Através destes dados, foi possível tirar conclusões sobre a opinião dos respondentes da pesquisa. No geral, os participantes se consideram fujoshi, fudanshi ou fujin, gostam de interagir com outros fãs e não têm medo que as pessoas descubram que eles gostam de BL. Os respondentes preferem conversar sobre BL com amigos pela internet a conversar com amigos na vida real. A maioria não fala sobre BL com pessoas parentes e pessoas da família. A maior parte dos respondentes (75%) concordou que BL é uma parte importante de suas vidas.

O que atrai o público em Boys Love é o enredo e o romance, com respectivamente 92,2% e 94,2% de concordância. Quanto à afirmativa "Gosto desse tipo de conteúdo por causa do das cenas de sexo", houve uma concordância de 54,3%, e 20,9% de indiferença. Os respondentes também gostam de romances entre mulheres, e entre homem e mulher, entretanto, 42,1% discorda sobre gostar de conteúdo erótico entre homem e mulher, e 47,2% concorda sobre gostar de conteúdo erótico entre mulheres.

Tabela 3: Média das afirmativas comparada com gênero dos respondentes.

Gênero	BL foi importante para minha descoberta quanto a orientação sexual	BL foi importante para minha descoberta quanto a gênero
	Média	**Média**
Mulher cis	2,69	1,81
Homem cis	3,1	1,95
Mulher trans	3,5	3,13
Homem trans	4,13	4,11
Agênero	3,94	3,74
Não-binário	3,78	3,72
Não sei	3,59	3,19
Prefiro não responder	2,42	1,68
Prefiro não me classificar	3,17	3,07
Outros	2,56	2,5

Fonte: Elaborado pela autora com base nas respostas do questionário.

Quanto à importância do BL na descoberta quanto a gênero e orientação sexual, é possível observar as médias das respostas de acordo com gênero e orientação sexual dos respondentes na tabela 4. Através desses dados, pode-se concluir que obras BL foram importantes para o processo de descoberta quanto ao gênero e a sexualidade de homens trans, uma vez que a média de suas respostas (4,13 e 4,11) foi muito superior à média geral das respostas para estas perguntas (2,95 e 2,18).

7. CONCLUSÃO

O Boys Love surgiu no Japão nos anos 70, evoluiu juntamente com a cultura de fãs e se espalhou para o restante do mundo. A comunidade, que se autodenomina Fujoshi, Fudanshi ou Fujin é muito unida, e os fãs brasileiros não têm receio em demonstrar seu status como fã, sem a presença do estigma identificado por Okabe e Ishida (2012). Os consumidores de BL são em grande parte mulheres cisgênero, bissexuais e que têm entre 18 e 22 anos de idade, perfil semelhante ao identificado por outras pesquisas, e que contraria a noção de Galbraith (2011) de que as Fujoshi levam uma vida heteronormativa.

Assim como demonstrado por Coleman (2021) em sua pesquisa, vemos que os fãs de BL gostam das cenas de sexo, apesar de a concordância com tal afirmação não ser tão elevada como quando se trata dos elementos enredo e romance. Talvez haja uma resistência entre os fãs brasileiros em afirmar que gostam das cenas de sexo por causa do mesmo estigma do "fetichizador" identificado por Coleman (2021).

Eles consomem esse tipo de mídia diariamente, e preferem conversar sobre BL com amigos da internet, assim como Coleman (2021) identificou em sua pesquisa.

Os principais países de origem das obras BL consumidas são Japão, Coreia do Sul e China.

Vemos que para alguns fãs, especialmente os homens trans, o Boys Love foi importante no processo de descoberta quanto a gênero e sexualidade, o que é semelhante ao que Welker (2006) menciona sobre a comunidade lésbica japonesa, Baudinette (2017) identificou nas entrevistas com homens gays japoneses e Coleman (2021) apontou ao entrevistar fãs de BL que falam inglês.

Seria interessante ver uma pesquisa mais detalhada sobre os homens trans fãs de BL, e a importância que essas obras tiveram em seu processo de descoberta quanto a gênero e sexualidade.

Vale ressaltar as limitações do presente estudo. A amostra pode ser considerada pequena quando comparada com a quantidade de fãs de Boys Love que temos no Brasil. O questionário também poderia ser aperfeiçoado para analisar de forma mais acurada as preferências desses consumidores.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gláucio. Vozes abafadas: o mangá yaoi como mediação do discurso feminino. **Galáxia**, v. n. 19, p. 240–251, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641245015>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BAUDINETTE, Thomas. Japanese gay men's attitudes towards 'gay manga' and the problem of genre. **East Asian Journal of Popular Culture**, v. 3, n. 1, p. 59–72, 2017. Disponível em: <https://intellectdiscover.com/content/journals/10.1386/eapc.3.1.59_1>. Acesso em: 13 fev. 2023.

CARLOS, Giovana S. **O(S) Fã(S) Da Cultura Pop Japonesa E A Prática De Scanlation No Brasil.** Universidade Tuiuti do Paraná, 2011. Disponível em: <https://gcarlos.files.wordpress.com/2011/04/dissertac3a7c3a3o-os-fc3a3s-da-cultura-pop-japonesa-e-a-prc3a1tica-de-scanlation-no-brasil1.pdf>. Acesso em: 8 maio 2019.

COLEMAN, Hailey. **Do Not Feed The Fetishizers: Boys Love Fans Resistance And Challenge Of Perceieved Reputation**. University of Memphis, 2021. Disponível em: <https://digitalcommons.memphis.edu/etd/2502>. Acesso em: 15 jan. 2023.

GALBRAITH, Patrick W. Fujoshi: Fantasy play and transgressive intimacy among "Rotten Girls" in contemporary Japan. **Signs**, v. 37, n. 1, p. 211–232, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GRAVETT, Paul. **Mangá : como o Japão reinventou os quadrinhos**. [s.l.]: Conrad, 2006.

JBC. **The Flower Pot - Start - Editora JBC**. Disponível em: <https://editorajbc.com.br/start/colecao/the-flower-pot/vol/the-flower-pot/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

KUSHIMA, Fernanda Muto. **Um Japão inventado para o consumo no BL: características genéricas e adaptações para o contexto brasileiro em Vitral**. Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2018. Disponível em: <http://tede2.espm.br/handle/tede/308>. Acesso em: 15 jan. 2023.

KWON, Jungmin. **Straight Korean female fans and their gay fantasies**. Iowa City: [s.n.], 2019.

LIN, Jessica. **A Qualitative Exploration of Discourses in Fan Community, /r/ A Qualitative Exploration of Discourses in Fan Community, /r/ boyslove boyslove**. City University of New York, 2022. Disponível em: <https://academicworks.cuny.edu/gc_etds/4825Discoveradditionalworksat:https://academicworks.cuny.edu>. Acesso em: 15 jan. 2023.

LIU, Ting. Intersections: Conflicting Discourses on Boys' Love and Subcultural Tactics in Mainland China and Hong Kong. **Intersections: Gender and Sexuality in Asia and the Pacific,** v. 20, p. 1–32, 2009. Disponível em: <http://intersections.anu.edu.au/issue20/liu.htm>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MADILL, Anna. Erotic manga : Boys' Love, shonen-ai, yaoi and (MxM) shotacon. **The Routledge Companion to Media, Sex and Sexuality**, p. 130–140, 2017. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315168302-13/erotic-manga-anna-madill>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A Elaboração De Questionários Na Pesquisa Quantitativa**. [s.l.: s.n.], 2012. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33842933/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf?response-content-disposition=inline%3B filename%3DA_ELABORACAO_DE_QUESTIONARIOS_NA_PESQUIS.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=>. Acesso em: 3 jul. 2019.

MCLELLAND, Mark J.; NAGAIKE, Kazumi; SUGANUMA, Katsuhiko; *et al*. Boys love manga and beyond : history, culture, and community in Japan. p. 303, 2016.

NEWPOP. **NewPOP Editora**. Disponível em: <https://www.newpop.com.br/>. Acesso em: 9 fev. 2023.

OKABE, Daisuke; ISHIDA, Kimi. Making Fujoshi identity visible and invisible. **Fandom Unbound: Otaku Culture in a Connected World**, p. 207–224, 2012.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração. **Universidade Federal de Goiás**, p. 1–73, 2011. Disponível em: <https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>.

QIN, Lucy Yuan; CHEONG, Kong F. Gender, Death, and the Supernatural in The Untamed (Chen Qing Ling). *In*: GIBSON, Rebecca; VANDERVEEN, James M. (Orgs.). **Global Perspectives on the Liminality of the Supernatural: From Animus to Zombi**. London: [s.n.], 2022, p. 19–32.

SUZUKI, Midori. The possibilities of research on "fujoshi" in Japan. **Transformative Works and Cultures**, v. 12, 2013. Disponível em: <https://journal.transformativeworks.org/index.php

/twc/article/view/462/386>. Acesso em: 15 jan. 2023.

TANAKA, Hiromi; ISHIDA, Saori. Enjoying Manga as Fujoshi: Exploring its Innovation and Potential for Social Change from a Gender Perspective. **The Journal of Behavioral Science**, v. 10, n. 1, p. 77–85, 2015. Disponível em: <https://so06.tci-thaijo.org/index.php/IJBS/article/view/29588>. Acesso em: 10 fev. 2023.

WELKER, James. Beautiful, borrowed, and bent: "Boys'' love" as girls' love in Shôjo Manga". **Signs**, v. 31, n. 3, p. 841–870, 2006.

WELKER, James. Flower Tribes and Female Desire: Complicating Early Female Consumption of Male Homosexuality in Shōjo Manga. **Mechademia**, v. 6, n. 1, p. 211–228, 2011. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/454424>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WONHO JANG, Jung Eun Song. Webtoon as a New Korean Wave in the Process of Glocalization. **Kritika Kultura**, v. 0, n. 29, p. 168–187, 2017. Disponível em: <https://ajol.ateneo.edu/kk/articles/81/938>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ZHAO, Jing Jamie; YANG, Ling; LAVIN, Maud. Boys' love, cosplay, and androgynous idols : queer fan cultures in mainland China, Hong Kong, and Taiwan. p. 258, 2017.

ZHAO, Yao; MADILL, Anna. The heteronormative frame in Chinese Yaoi: integrating female Chinese fan interviews with Sinophone and Anglophone survey data. **Journal of Graphic Novels and Comics**, v. 9, n. 5, p. 435–457, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/326008842_The_Heteronormative_Frame_in_Chinese_Yaoi_Integrating_Female_Chinese_Fan_Interviews_with_Sinophone_and_Anglophone_Survey_Data>. Acesso em: 24 mar. 2023.

Como citar este artigo:

COELHO, Alice de Aquino Moura. Quem é a fujoshi brasileira? Uma pesquisa sobre o perfil dos consumidores de Boys Love do Brasil. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.5, n.9, jul. - dez. 2023. p. 54-65.